

# REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA GRAMÁTICA

Ione Batista da Silva, graduada em Letras pela Universidade Potiguar. Professora da rede municipal e estadual de ensino de Barcelona-RN

**RESUMO:** O presente artigo, resultante de pesquisa bibliográfica, entrevistas, observação de práticas pedagógicas, tem como objetivo a análise dos resultados sobre o ensino de gramática nas três séries do Ensino Médio. Faz uma reflexão acerca dos professores no tocante a sua concepção e metodologia na instrução de nossa Língua Portuguesa, verificando se compreendida, ou não, como fonte geradora de significação e representação simbólica das experiências humanas. Por assim supormos que deve ser, abre-se a partir de então um leque de reflexões. Traz, no decorrer das análises técnicas, a observância da concretização do uso da língua como objeto indicador de status social. A língua-padrão não tem sido um fator de integração social, mas de exclusão e forte discriminação. O conteúdo gramatical passou a ser observado se exposto aos estudantes de forma fragmentada ou contextualizada. Bem como se os professores costumam dividir o grau de importância entre Gramática, Literatura e Texto. Fato que merece destaque dentre as problemáticas discutidas pelos estudiosos por serem igualitárias, no tocante a sua importância. Consta, nas linhas que sucedem este resumo, um panorama diversificado de informações que traduzem, além de um histórico da Língua Portuguesa nos currículos escolares brasileiro, as possíveis causas, as conseqüências, fatos e teorias de autores renomados em relação à temática abordada. Outra relevante questão refere-se a desmitificação do “português difícil”, pressuposto das aulas regradas e recheadas de nomenclaturas que coíbem o alunado, de modo a distanciá-lo sempre, e muito, do ensino crítico da norma padrão que, de fato, lhe é de direito.

**Palavras-chave:** Estudo da gramática, metodologia de ensino, valorização da lingüística.

## 1 INTRODUÇÃO

A realização deste artigo científico é para o nosso estado do RN, mais ainda para a Região Potengi, um subsídio valoroso, de caráter reflexivo, que busca incutir em leitores afins a importante idéia de um pensar metodológico que, referente ao ensino da gramática de língua portuguesa, seja voltado para os anseios da classe discente, de modo que esta possa perceber a real necessidade e importância da valorização e reconhecimento de suas variações lingüísticas entendendo a gramática como parte do processo, e não soberana da língua, como costumeiramente é apresentada.

Este trabalho nos permitiu uma reflexão acerca do ensino da gramática analisando a concepção e prática pedagógica de professores do Ensino Médio, nas cidades de Barcelona, Ruy Barbosa e São do Potengi-RN<sup>1</sup>. Traz em seu tema gerador as concepções de autores renomados e suas contribuições para um pensar voltado a um ensino que possibilite aos estudantes o verdadeiro domínio das atividades verbais e o gosto pela literatura.

O estudo da Língua Portuguesa sempre esteve baseado no ensino de gramática. Esta manteve o padrão clássico tornando-se sinônimo de exclusão social. A norma padrão virou termômetro medidor de status. Aquele que não a domina certamente não corresponde a categoria dos cidadãos bem vistos, detentores do ter e do poder. Classe distinta que se acha no direito de controlar, manobrar e/ou escravizar os subalternos falantes do “português errado”.

Para tanto, fazem perpetuar a idéia do “português difícil” de modo que os alunos não aprendam a norma culta. Terminam seus estudos em meio à frustração de não dominarem sua própria língua. E é quanto a isto que esse artigo também vem refletir para que se inspire encontros entre a classe docente (não apenas os de língua portuguesa) na tentativa de se mudar o “estudo errado” que infelizmente assola em nosso país.

---

<sup>1</sup> Estas cidades estão situadas na Região Potengi. As duas primeiras fazem parte da Microrregião da Borborema Potiguar e a última do Agreste Potiguar. Todas elas possuem clima tropical quente e seco ou semi-árido.

O destaque que se dá ao ensino da gramática acaba por, de certa forma, escantear o estudo da Literatura, Texto e Redação. E é esta mais uma das questões abordadas. Visto que se faz necessário instigar os estudantes a pensar para que se desenvolva sua capacidade de articular, intervir, opinar e persuadir, de modo a aguçar, inclusive, sua prática de leitura. Para tanto, é urgentemente preciso mudar a metodologia e integrar texto, literatura e gramática de forma justa para que não privemos o alunado de todos os processos de aprendizagem da língua.

Caso o ensino de Língua Portuguesa permaneça na errônea atitude de um estudo vazio onde se decora regras e nomenclaturas, dificilmente formaremos estudantes seguros e satisfeitos. É iminente que eduquemos alunos sem um encadeamento de frustrações futuras. Para tanto, estudarão mais de uma década e sairão rumo às universidades sem que fiquem aflitos caso lhes peçam que redijam um texto, seja ele uma carta, um convite, requerimento ou demais modalidades textuais.

Somente a consolidação destes aspectos relevantes abordados no artigo que ora faça sua curiosidade, de forma a deixar claro não apenas entre pesquisadores, mas

principalmente para o professor, é que trará uma mudança significativa no tocante à problemática do ensino atual de nossa Língua Portuguesa.

Portanto, para se chegar a este resultado satisfatório é extremamente importante que se realize um ensino crítico, a começar por uma abordagem franca das problemáticas refletidas neste artigo. E que estas reflexões possam ir além das discussões e se consolidem sob um novo perfil metodológico.

## **O ENSINO DA GRAMÁTICA SOB UM NOVO PERFIL METODOLÓGICO**

É notório o quanto, no Brasil, a Língua Portuguesa traz, em sua bagagem existencial, uma intrincada idéia, há muito incutida em seus nativos, de que a mesma é, por deveras, muito complicada. Proveniente de uma escola seguidora de regras, a Gramática sempre chegou imperadora absoluta sob a ditadura das normas que, bem sabemos, obedece aos comandos da classe dominante.

O Ensino de Português vem sendo alvo de intensas críticas desde os fins da década de 1940, porém não chegando a realizar mudanças significativas em sala de aula, salvo algumas que abrangem classes bem situadas economicamente.

Mediante exames nacionais que nos apresentam quadros com resultados lastimáveis cresce a consciência da insuficiência dos resultados do ensino de Língua Portuguesa em nosso país. Basta-nos observar as dificuldades de leitura e interpretação de textos, as lástimas das redações, a falta de posse da expressão oral em momentos formais e o pouco contato com a literatura. É neste panorama de resultados catastróficos que se encontra a belíssima língua materna, e em meio aos avanços das discussões, estão os professores, que buscam chegar à conclusão de “o que” e “como” ensiná-la.

Quando a nova lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional<sup>2</sup> entrou em vigor, no ano de 1996, a educação de nosso país ganhou novos parâmetros. Estes são norteios para uma melhoria educacional.

O Ensino Médio, desde 1999, tem acesso aos Parâmetros Curriculares Nacionais; importantíssimo documento que objetiva propor e apontar diretrizes. Fica evidente que a questão do ensino da língua portuguesa em nosso país já está em foco a bastante tempo, porém, entre interpretações adversas, encontram-se as demasiadas

repetições, num repasse de conteúdos (a gramática pela gramática), bem como os conceitos vistos sob a ótica dos lingüistas.

Por assim sabermos, coloquemo-nos diante dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (1999, p.39) que nos remete a um estudo da língua materna voltado para o uso desta, na vida e na sociedade:

O processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, no Ensino Médio, deve pressupor uma visão sobre o que é linguagem Verbal. Ela se caracteriza como construção humana e história de um sistema lingüístico e comunicativo em determinados contextos. Assim, na gênese da linguagem verbal estão presentes o homem, Seus sistemas simbólicos e comunicativos, em um mundo Sociocultural.

Formar estudantes visando prepará-los para as diversidades, numa concepção clara do valor social e interativo da linguagem, em oposição ao ensino tradicional, vem sendo o grande desafio. O estudo gramatical vira estratégia para se compreender, interpretar e produzir textos. Então perguntemos se a gramática ainda tem vez. Que confusão!!! É preciso entender que a aula de Língua Portuguesa não constitui uma coisa somente: ela deve ser observada em sua amplitude que é a Gramática, a Literatura, a Leitura, o Texto.

O que se observa é a presença esmagante da gramática que, embora importantíssima, diminui em grau de prestígio as demais unidades básicas. Assim, os programas dedicados à área de Língua Portuguesa continuam reproduzindo as regras gramaticais e atrasando a questão discutida, como afirma Possenti (2000, p. 8) quando diz que:

O melhor testemunho desse atraso é o sucesso de pseudoprofessores nos meios de comunicação, que nada mais fazem que repetir materiais do nível das apostilas dos cursinhos, com listas de “problemas” de uso do português falado julgado à luz da língua escrita. Faça o leitor à suposição de que os programas e as colunas sobre música, teatro e economia sejam do

mesmo calibre, e o atraso saltará aos olhos ainda mais claramente.

---

<sup>2</sup> LDB da Educação Nacional (Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996). Busca expandir e melhorar a qualidade do ensino no Brasil.

Se ganha muito dinheiro na comercialização de livros, vídeos, manuais, cd-rom e, desastrosamente, compromete-se o estudo da Língua Portuguesa resumindo-a a normas do preconceituoso “certo” ou “errado”.

Bagno<sup>3</sup> (2003, p.65) preocupa-se com esta temática:

O ensino da língua ainda é feito com base em dogmas, preceitos e regras que nada têm de científicos – e esse é o seu maior defeito. Fomos habituados a aprender e a ensinar português como se a língua fosse uma coisa imóvel, pronta, acabada, estática, sem nenhuma possibilidade de mudança, variação, transformação. Essa é a atitude dos gramáticos tradicionalistas, exatamente oposta à dos lingüistas, que são os cientistas da linguagem.

Acompanhemos esta linha de raciocínio que nos mostra a diferenciação entre o pensamento do gramático e o do lingüista. O primeiro insiste na idéia intangível do “certo” e “errado” alimentado um **preconceito lingüístico** terrificante. O segundo enxerga o que a gramática tradicional chama de “erro” como um objeto de estudo científico a ser analisado rigorosamente. Certamente o lingüista observa todos os aspectos que envolve a questão para que daí chegue a uma conclusão mais acertada.

É um absurdo, e até mesmo revoltante observar que o ensino da gramática não segue os progressos da ciência da linguagem.

Voltando a comercialização da língua, Bagno (2003, p.77) é severamente crítico:

Essa é a razão da minha campanha contra “truques” e “macetes” que fazem tanto sucesso nos cursinhos de preparação para o vestibular, onde brilha certo tipo de professor que acaba ganhando fama de *astro pop!* Essa prática de ensino tem como meta exclusiva fazer o aluno passar no vestibular, e não torná-lo um bom usuário da língua escrita e falada em sua modalidade mais culta. Eu não me acanho em dizer que o vestibular é uma das instituições mais perigosas, mais medonhas e mais injustas que existem no Brasil! Daí você pode deduzir qual é minha opinião acerca daqueles que transformaram o vestibular em meio de vida e fonte de lucro.

Linguistas como Bagno apresentam sempre duras críticas à gramática sem que perca a visão de que a mesma tem seu valor como peça fundamental neste “quebra-cabeça” chamado Língua Portuguesa.

---

<sup>3</sup> Marcos Bagno é Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, poeta, tradutor e contista premiado. Tem diversos livros dedicados ao público infantil e juvenil.

Franchi *apud* TAKAZAKI (1987, p.11) observa a questão de que não se deve continuar fazendo da gramática, em outras palavras, um separador de classes e, principalmente, não reduzi-la a regras que devem ser cumpridas:

(A gramática) faz do uso da língua uma questão de disciplina, de obediência a “dogmas”, com forte componente elitista e repressivo. (...) Que se deve aprender a modalidade culta? Claro. Mas isso não permite reduzir o estudo gramatical a um manual de etiquetas.

Os gramáticos precisam perceber a legitimidade da língua falada e não ficarem estáticos no ensino gramatical vendando os olhos para a riqueza lingüística que há em nosso país. Negar toda esta diversidade cultural e lingüística é cultivar o mito do

“português difícil” que parece mais cômodo e, como já mencionado, garantia de lucro em suas finanças mensais.

Cabe-nos, portanto, observar neste momento as variações lingüísticas que, inegável e inúmeras em nosso país, acabam por ser agentes principais do aterrorizante preconceito lingüístico.

A língua portuguesa, como todas as demais línguas, não é homogênea e por este motivo se materializa com suas variedades geográficas, contextuais e sociais.

A variedade geográfica é a diferenciação do modo de falar o português dentre os oito países que falam esta língua, bem como sua variedade regional em um mesmo país.

No Brasil a variação regional é percebida principalmente na pronúncia das palavras, a exemplo do [r] forte – uma das marcas talvez de maior variabilidade regional no país.

Estes modos particulares de falar tornam-se a “marca registrada” do habitante de uma determinada região podendo assim identificarmos como tal, apenas ao ouvi-lo falar.

Infelizmente, muitas vezes esta diferença se transforma em discriminação, fato ocorrido com os migrantes nordestinos que, em meados do século XX, deslocaram-se para o centro-sul. São alvos de caricatura e ridicularização num preconceito lingüístico que, assim como todos os gestos discriminatórios, é condenável.

Mais uma vez, os gramáticos precisam enxergar a necessidade que há de se desenvolver um olhar positivo quanto à variedade lingüística regional brasileira valorizando toda a riqueza histórica e cultural que nela há.

Outra variante é a social, que ocorre entre os grupos sociais: idoso e adolescente, urbanos e rurais, mulheres e homens, pessoas com maior ou menor escolaridade, entre outros. Sendo o último exemplo um fator de grande peso na discriminação. Tendo em vista ser o nosso país socialmente tão desigual.

Ocorre uma separação de classes denominada, quanto ao uso de sua língua, como **português culto**, falado por grupos sociais em melhor posição sócio-econômica e o **português popular** usado pelos grupos sociais em situação oposta.

Estas qualificações carregam consigo uma bagagem preconceituosa, tendo em vista que não existe grupo humano sem cultura. Encadeia-se, pois, uma imensa escala

separatista que enquadra os falantes cultos como "superiores", "melhores" e "certos" e os populares como "inferiores", "ignorantes" e "incultos". Vale ressaltar que tudo gera em torno do **preconceito lingüístico**. Não se pode afirmar que um falante do português popular não sabe português, fala sem gramática, fala errado ou mesmo, não sabe falar, pois **falar** é da natureza humana e a variante popular é tão gramática quanto qualquer outra variedade lingüística.

A variação histórica ocorre, pois a língua se diversifica também no tempo. É natural que variantes utilizadas por um grupo social, em determinada época, seja deixada de lado no transcorrer do tempo tornando-se arcaísmos que, por sua vez, estarão presentes nos registros escritos. Estes são a prova das mudanças lingüísticas que ocorrem entre as diferentes épocas, comprovadas através dos textos.

Neologismos são aceitos e divulgados por classes sociais de prestígio e passam a serem reconhecidos. Comprovação prática da linguagem que é **viva**, e, como tal, passa por mudanças visíveis, principalmente em tempos de tecnologia como é fato em nossa vivência atual.

A variação contextual é, como o próprio nome sugere, a mudança no modo de falar conforme a situação vivenciada. Certamente a maneira de se comunicar com um amigo não é a mesma ao falar com um desconhecido, um juiz ou patrão. Expressar-se bem em um canal de televisão diverge do falar em uma rádio, a exemplo de uma apresentação jornalística e uma narração de um jogo de futebol. Portanto o contexto determina a modalidade lingüística de modo que o falante, verdadeiro "camaleão da linguagem", pode adaptar-se conforme as exigências da situação.

A total padronização da língua em nosso país ainda não está definida. Em uma sociedade historicamente desigual, não nos desvinculamos, lingüisticamente falando, do preconceito descarado da reduzida elite letrada do século XIX que ambicionava uma sociedade branca em um país monolíngüe.

Os estudiosos da língua portuguesa do Brasil precisam reconhecê-la definitivamente como um país multilíngüe para que convivamos harmoniosamente e principalmente cortemos por definitivo a raiz do preconceito, da discriminação e exclusão que há muito separam as classes sociais brasileira, através de um trabalho científico minucioso descrevendo a língua padrão e até mesmo reformulando a gramática atual.

Para tanto, confirmemos com Possenti *apud* FARACO (2003, p.173-174) quando relata:

(...) para quem pretende ter uma visão mais adequada do fenômeno da linguagem, especialmente para os profissionais, dois fatos são importantes: a) todas as línguas variam, isto é, não existe nenhuma sociedade ou comunidade na qual todos falem da mesma forma; b) a variedade lingüística é o reflexo da variedade social e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de *status* ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua. (...) um dos tipos de fatores que produzem diferenças na fala de pessoas são externos à língua. Os principais são os fatores geográficos, de classe, de idade, de sexo, de etnia, de profissão, etc. Ou seja: as pessoas que moram em lugares diferentes acabam caracterizando-se por falar de algum modo de maneira diferente em relação a outro grupo. Pessoas que pertencem a classes sociais diferentes, do mesmo modo (e, de certa forma, pela mesma razão, a distância – só que esta é social) acabam caracterizando sua fala por traços diversos em relação aos da outra classe. O mesmo vale para diferentes sexos, idades, etnias, profissões. (...) Alguns sonham com uma língua uniforme. Só pode ser por mania regressiva ou medo da variedade, que é uma das melhores coisas que a humanidade inventou. E a variedade lingüística está entre variedades mais funcionais que existem. Podemos pensar na variação como fonte de recursos alternativos: quanto mais numerosos forem mais expressiva pode ser a linguagem humana. Numa língua uniforme talvez fosse possível pensar, dar ordens e instruções. Mas, e a poesia? E o humor? E como os falantes fariam para demonstrar atitudes diferentes. Teriam que avisar (dizer, por exemplo, “estou irritado”, “estou à vontade”, “vou tratá-lo formalmente”)? E como produzir uniformidade, se a variedade lingüística é fruto da variedade social? Esta é uma questão sem dúvida interessante. Pesquisas feitas em vários países mostram que há uma diferença na fala de homens e de mulheres, por exemplo. A fala das mulheres é mais semelhante à norma culta do que a dos homens. (...) O resultado de tais valores é que, para um homem, falar mais

corretamente é mais ou menos como usar uma saia, segundo ilustrativa comparação do socialista inglês Peter Trudgill. O que fazer para uniformizar a linguagem de homens e mulheres? Não é necessário imaginar uma solução radical, como eliminar um dos sexos. Mas, poder-se-ia questionar seriamente os valores machistas que produzem esta diferença. Nesse sentido, uma discussão sobre valores sociais pode ser uma aula de português mais valiosa e frutífera do que uma aula com exercícios para eliminar gírias, regionalismos e solecismos.

## **STATUS SOCIAL**

Antes de pormenorizar a questão indicada no título acima, para melhor discutirmos a temática deste estudo: **O ensino da gramática** cabe neste momento uma apresentação dos conceitos de Gramática.

1. Gramática normativa ou prescritiva: designa um conjunto de regras para que sejam seguidas por quem deseja “falar e escrever corretamente”. Preocupa-se com as normas, dizendo como se deve ser ou dizer. É a gramática mais conhecida pela maioria das pessoas. É um “livro” escrito por “inspirados” que se julgam normatizadores de formas únicas para o falar e escrever.
2. Gramática descritiva: é um conjunto de regras que são seguidas. Neste caso há pesquisa científica quanto às formas de organização que sustentam a linguagem verbal, a fala e a escrita. Os lingüistas e cientistas analisam dados a partir de uma teoria e de um método sem julgamento de certo ou errado. Estuda os porquês levando em consideração o uso da língua em diferentes contextos.
3. Gramática internalizada ou universal: corresponde ao conjunto de regras que os falantes conhecem. Ela é domínio de todo e qualquer ser humano, pois consiste em uma qualidade inata.

Torna-se evidente que a gramática normativa é defendida pelos gramáticos que permanecem presos a uma língua arcaica em muitos de seus aspectos.

A escola erroneamente priorizou o ensino da gramática normativa que por sua vez transformou a visão da gramática em algo difícil de ser compreendida. Princípios a serem seguidos incontestavelmente com nomenclaturas muitas vezes difíceis de decifrar.

Quanto aos lingüistas, verdadeiros pesquisadores, tentam descrever a gramática, embora sem obter sucesso pleno há mais de quarenta anos. Não por falta de razões e descobertas, mas, principalmente, devido às questões de poder.

Se de um lado os lingüistas criticam os gramáticos, do outro estão os mesmos a lançar flechas de defesa e de ataque baseados em opiniões dos que não abrem mão da necessidade básica da gramática como forma de ascensão social. Faz-nos lembrar o dito popular: “dizes com quem andas que eu te direi quem és” e parodiá-lo de forma a deixar claro que a gramática é, de fato, atualmente, um separador elitista: “dizes como falas e eu te direi quem és”. Não se pode negar que o estudo tradicional da gramática envolve questões econômicas que diferencia entre si, os falantes de uma mesma língua segundo a classe social a que este pertence. Uma parcela enorme da população é desprovida do domínio na norma padrão, como lembra Cipro Neto *apud* TAKAZAKI, (1997, p. 9): “(...) E é na sintaxe dominante que são regidos os contratos e as leis, um exemplo cabal de que língua é poder. Sem ter acesso a ela, o povo é facilmente manobrado”.

Visivelmente nos é destinada à política da exclusão. A classe minoritária que, por sua vez, é escolhida pela majoritária categoria de cidadãos esquecidos, após as costumeiras campanhas, viram as costas, sem nenhum pudor, deixando aqueles que a elegeu na mesmice dos sem pão, sem terra, sem teto... sem norma culta. Então, como ter acesso mais facilmente aos direitos de cidadão que, perante as leis, nos tornam iguais?

A língua, devido à classe dominante, tem o poder de excluir, omitir e privar o povo de seus direitos adquiridos.

Toda essa reflexão remete-nos, como meio de exemplificação deste panorama excludente, a palavra *glamour* que vem de “*grammar*”, que significa gramática, em inglês. Tendo os escoceses lançado a moda, no século 17, “*grammar*” virou “*glamer*” passando a conotação de qualidade de quem fala bem, sem erros, de acordo com a norma culta. É aqui que entra a grande observância: Quem tinha “*glamer*”? Certamente as pessoas educadas, elegantemente vestidas, pra lá de chiques.

O panorama histórico de muitas palavras como esta nos evidencia a trajetória de uma norma culta que visa ser prestigiada apenas pelos que pertencem à classe dominante.

Estando, pois, a falar de exemplos históricos, como forma defensora do falar claro, podemos nos remeter a retórica de Vieira *apud* ABAURRE (2000, p. 406), defensor do Conceptismo<sup>4</sup> : “O estilo há de ser fácil e muito natural”. Portanto, no *Sermão da Sexagésima*<sup>5</sup> , autoria de Pe. Vieira<sup>6</sup> encontramos uma magnífica construção argumentativa: O pregador precisa ser claro em suas pregações para que a palavra de Deus possa frutificar:

Será porventura o estilo que hoje se usa nos púlpitos? Um estilo tão empedrado, um estilo tão dificultoso, um estilo tão afetado, um estilo tão encontrado a toda a arte e a toda natureza? (...) Que diferente é o estilo violento e tirânico que hoje se usa! (...) O pregar há de ser como quem semeia, e não como quem ladrilha ou azuleja. Ordenado, mas como as estrelas: “*Stellae manentes in ordine suo*”. Todas as estrelas estão por sua ordem; mas é ordem que faz influência, não é ordem que faça labor. Não fez Deus o Céu em xadrez de estrelas, como os pregadores fazem o sermão em xadrez de palavras (...)

Concordarmos com Pe. Vieira, estupendo artista da palavra, é acreditar que a língua portuguesa não deveria estar neste patamar separatista dentre as classes sociais, onde os falares distinguem as pessoas entre ricos e pobres, cultos e não-cultos. Embora seu sermão seja destinado aos pregadores, para que estes transmitam a palavra de Deus de forma clara, podemos aproveitá-la, em relação à abordagem deste artigo, mostrando, como ele mesmo menciona, que o fato de a linguagem ser simples, não tornará o estilo baixo.

Observe o que diz Vieira *apud* ABAURRE (2000, p. 406):

Aprendamos do céu o estilo da disposição, e também o das palavras. Como hão de ser as palavras? \_Como as estrelas. As estrelas são muito distintas e muito claras. Assim há de ser o

estilo da pregação\_ muito distinto e muito claro. E nem por isso temais que pareça o estilo baixo; as estrelas são muito distintas e muito claras e altíssimas. O estilo pode ser muito claro e muito alto; tão claro que o entendam os que não sabem e tão alto que tenham muito que entender os que sabem (...)

Conseqüentemente deveriam todos dominar uma “norma única”, sem divisória de classes. No entanto teima-se em distanciar o estilo culto daqueles que pertencem à classe dos dominados, falando-se um português que não se entende.

---

<sup>4</sup> Também conhecido como *Quevedismo*, é um estilo que busca seduzir o leitor através da construção intelectual, formada por meio de analogias, valorizando o conteúdo, a essência da significação, a agudeza e o engenho.

<sup>5</sup> Sexagésima é uma data do calendário litúrgico da Igreja Católica que corresponde a um domingo da Quaresma, aproximadamente sessenta dias antes do domingo de Páscoa.

<sup>6</sup> Padre Antônio Vieira – Poeta português (1608 – 1697) nasceu em Lisboa e morreu em Salvador-BA. Ordenou-se Sacerdote da Companhia de Jesus. Orador famoso, deixou dezesseis volumes de sermões, além de *Cartas* em três volumes e de uma obra chamada *História do Futuro*.

Vieira *apud* ABAURRE (2000, p. 406) atenta para esta questão:

Sim padre: porém esse estilo de pregar não é pregar culto. Mas fosse! Este desventurado estilo que hoje se usa, os que o querem honrar chamam-lhe culto, os que o condenam chamam-lhe escuro, mas ainda lhe fazem muita honra. O estilo culto não é escuro, é negro, e negro boçal e muito errado. É possível que somos portugueses, e havemos de ouvir um pregador em português e não havemos de entender o que diz?

Assim, haveremos nós de continuar a ler e ouvir nossas leis, nossos contratos, nossos muitos livros didáticos em português, enquanto brasileiros falantes dessa língua, sem que se possa compreendê-la por completo, tamanha altura é o seu estilo?

Oprimidos pela sintaxe, como poderá o povo brasileiro falar, com pureza e segurança, a língua de sua terra?

Na verdade este mesmo povo já consegue perceber que, como disse ironicamente, Tancredo Neves: “Não se deve confiar em quem emprega a mesóclise com correção”.

O falante que profere uma linguagem rigorosamente vigiada à luz da sintaxe, conota a esperteza, sabedoria, poder... de quem faz parte da classe dominadora que não pretende mudar este quadro social do momento, que por sua vez, já perdura há tempos.

Ao observarmos este quadro que, desde o início do trabalho vem sendo descrito, cabe aqui mostrar neste momento, uma perspectiva histórica da língua portuguesa em nosso país.

A língua portuguesa, disciplina integrante nos currículos das escolas no Brasil demorou muito a ser integrada. Somente nas últimas décadas do século XIX foi que a mesma passou a ser incorporada. E no início dos anos 30 do século XX foi iniciado o processo de formação do professor para esta disciplina.

No sistema de ensino, tanto do Brasil, como no de Portugal, até a metade do século XVIII, ensinar português estava restrito à alfabetização. Os poucos alunos que tinham uma escolarização mais estendida passavam a estudar a Gramática da Língua Latina, a Retórica e a Poética.

Em 1959, o ensino da Língua Portuguesa, com a reforma Pombalina, tornou-se obrigatório, em Portugal e no Brasil. Tal ensino continuou mantendo o estudo da gramática.

Quando o colégio Pedro II foi criado no Rio de Janeiro em 1837, o ensino de Língua Portuguesa passou a ser incluído nas disciplinas de Retórica e Poética. Estas passaram a ser incorporadas em uma única disciplina denominada Português. O cargo de “Professor de Português” foi criado em 1871, podendo, então, ser um referencial didático quanto ao ensino oficial de nossa língua materna.

Tal mudança nominal, relativa ao ensino da língua nacional, não reflete em mudanças dos objetivos. Não se ensinou além das regras e normas, até mesmo por falta de um conhecimento acima do ensinado.

Com a democratização da escola, a partir da década de 1950, inicia-se, verdadeiramente, uma mudança nas condições de aprendizagem e de ensino de

português. Contudo, não houve grandes mudanças quanto ao ensino da língua, embora texto e gramática passem, a partir de então, a unir-se.

Um segundo fato, na segunda metade da década de 1980, trouxe alterações significativas: As novas teorias na área das ciências linguísticas. Iniciou-se com a **Linguística**, mais adiante a **Sociolinguística** e, mais recentemente, a **Psicolinguística**, a **Linguística Textual**, a **Pragmática**, a **Análise do discurso**. Elas chegaram à escola somente na década de 1990. Além delas, mais três novas áreas orientam o estudo da língua portuguesa atualmente, no que se refere à Leitura e a Escrita: a História, a Sociologia e a Antropologia. Investigam e analisam o passado focalizando o presente, de modo que se possa entender, ou pelo menos nos dê suporte para tentar identificar “quem”, “o que” e “para quem” ensinar a disciplina de Português.

## **PORTUGUÊS É DIFÍCIL**

Mediante o relato histórico do percurso do ensino da língua portuguesa em nosso país, pode-se compreender as dificuldades atuais que enfrentam, não apenas os alunos, como também a classe de professores incumbida de ensinar a língua materna. Esta, em destaque absoluto neste trabalho, resiste à antítese do amor x ódio dentre os inúmeros estudantes que elevam a grandiosidade de sua semântica, bem como a estilística, mas que não abrem mão de criticar sua morfologia e, principalmente, sua sintaxe.

E assim estudam eles, entre críticas à pertinácia de se manter regras obsoletas, a exemplo da mesóclise; as infíndas regras gramaticais; as tantas classificações; as inumeráveis exceções... e bradam as esquizofrenias gramaticais aos professores. Aquelas, no rótulo do “Português difícil”, sem que estes consigam desmitificar, na teoria, o que já está sacramentado na prática.

Celso Luft<sup>7</sup> (1985, p.53), observa conseqüências maléficas do ensino gramaticalista:

---

<sup>7</sup> Celso Pedro Luft nasceu a vinte e oito de maio de 1921 no interior do Rio Grande do Sul, descendente de imigrantes alemães. Foi membro da ordem os Irmãos Maristas e

professor de letras na PUC. Livre-docente em Língua Portuguesa, é autor de vários livros ligados ao ensino desta língua.

1- Em primeiro lugar, sobrecarga de inutilidades. É comum ouvir jovens dizendo que aulas de português são “cultura inútil”. Normas demais, fora de realidade, eivadas de um purismo reacionário. Pormenores supérfluos em grande quantidade, distinções discutíveis, regras superadas por novos usos. 2- (...) Por força da referida sobrecarga não sobra tempo para o que realmente interessa. 3- (...) A escola tradicional fracassa justamente naquilo que constitui seu centro de atenções, sua ênfase maior. Toda insistência na gramática, paradoxalmente, redundando nisto: teoria gramatical é o que menos aprendem os alunos(...). 4- A assistemática e as incoerências da Gramática Tradicional, mais as novidades teóricas da Linguística, da Semiótica, da Teoria da Comunicação, costumam resultar num verdadeiro caos teórico. 5- Com essa convicção negativa profundamente implantada pela orientação gramaticalista e normativista da escola tradicional ingênua chega-se às derradeiras e mais lamentáveis seqüelas: insegurança na própria língua de berço, inibição comunicativa, sufocamento da expressão pessoal, bloqueio da criatividade (...).

Todas estas observações postas em questão por Luft nos mostra o quanto se faz necessário uma reformulação séria no ensino de Língua Portuguesa, para que o aluno possa, verdadeiramente, ser agente do aprendizado.

Como podem os professores então, mostrar que a Língua Portuguesa não é difícil, e sim, muitíssimo rica?

Precisa-se dar mais ênfase ao que realmente é importante: dentre outros, interpretação e redação, recursos e técnicas para melhoria da expressão, seja oral ou escrita, estudos de vocabulário, semântica, sintaxe elaborada. Enfim, um trabalho difundido através da *prática* e não apenas em uma falsa absorção das teorias.

O professor precisa se atualizar. A primeira posição a ser tomada como título de sugestão, é fugir da *gramatiquice*, pois o que se ensina hoje não tem nada de vigente, são verdadeiros fragmentos de uma língua arcaica.

É preciso encantar o aluno com beleza da língua viva com tendências evolutivas. Fugir da teoria gramatical versada em códigos normativos deve ser o grande desafio para tantos educadores ainda imersos em gramáticas prescritivas que não se atualizam, como de fato deveria acontecer, a exemplo dos dicionários que absorvem o novo, pois uma língua viva estará sempre evoluindo através dos neologismos, das gírias, dos estrangeirismos, dos dialetos. É certamente, mesmo que se conseguisse uma gramática explícita completa do português do Brasil, de uma determinada época, é natural que a mesma se desatualizasse, pois é a prova lógica da vivacidade lingüística.

Bagno, em sua obra, **Preconceito Lingüístico**, faz uma reflexão acerca das questões que envolvem o estudo da Língua Portuguesa. Separando temas, aos quais intitula-os de Mitos. Aborda, com um parecer muito consciente e, como na metáfora de Pe. Vieira usa a linguagem “das estrelas”. Seu texto traz as reflexões que, para se conseguir um estudo de nossa língua além da tradicional reprodução da gramática, precisam ser abordadas. Como exemplos: O mito de que só em Portugal se fala bem português; as pessoas sem instrução falam tudo errado; é preciso saber gramática para falar e escrever bem; dentre outros, inclusive alguns, já anteriormente mencionados neste trabalho.

Em consonância com o autor, detemo-nos neste instante ao mito nº 3: ”Português é muito difícil”, levando em consideração ser esta a frase mais ouvida pelo professor da disciplina. A mesma, tem seu grau de veracidade caso se continue a propagá-la em sala de aula, como forma de coerção e supremacia dos professores para com seu alunado. Do contrário, devem estes mesmos professores conscientizá-los de que todo falante nativo de uma língua sabe essa mesma língua. Precisa-se fazê-los observar que toda essa questão vai além de suas vontades e que se faz necessário uma reavaliação no ensino do português, levando em consideração a realidade da língua falada no Brasil. Quanto a isto ressalta Bagno (1999, p. 35): “No dia em que nosso ensino de português se concentrar no uso real, vivo e verdadeiro da Língua Portuguesa do Brasil é bem provável que ninguém mais continue a repetir essa bobagem”.

Poucos não são os exemplos de regras da nossa língua que, embora não mais se justifique na gramática intuitiva do falante, continua a ser cobrada em nosso ensino tradicionalista. Bagno denomina-os de “Dinossauros Lingüísticos”. O tradicionalismo dos que se obstinam em fazer decorar regras que ninguém mais utiliza faz com que o estudante conclua o Ensino Fundamental e Médio em meio à vergonha e frustração de quem não aprendeu, em onze anos, a sua própria língua materna.

Conclui Bagno (1999, p. 38) quanto a esta temática:

Não é à toa: se durante todos esses anos os professores tivessem chamado a atenção dos alunos para o que é realmente interessante e importante, se tivessem desenvolvido as habilidades de expressão dos alunos, em vez de entupir suas aulas com regras ilógicas e nomenclaturas incoerentes, as pessoas sentiriam muito mais confiança e prazer no momento de usar os recursos de seu idioma, que afinal é um instrumento maravilhoso e que pertence a todos!

O mito do “português difícil” serve, como apresentado outrora nas páginas iniciais desse trabalho, tal qual no decorrer histórico do ensino da língua portuguesa, como um valoroso meio de se manter a posição hierárquica dos grupos sociais. Quanto a isto, Bagno (1999, p.39) completa:

(...) Sustentar que “português é muito difícil” é cavar uma profunda trincheira entre os poucos que “sabem a língua” e a massa enorme de “asnos” (termos usado por Luiz Antonio Sacconi em seu livro Não erre mais) que necessitam, assim, do “auxílio” indispensável daqueles “mestres” para saltar com segurança por sobre o abismo da ignorância.

Esta temática é extremamente complexa. De um lado encontramos o professor de português, cobrado por todos como se apenas dele fosse a responsabilidade de orientar os alunos

no tocante a Língua Portuguesa. Do outro, há os estudantes nem um pouco ansiosos em receber tais aulas. Gabriel “o pensador”<sup>8</sup>, em sua música **Estudo errado**, já diz: “*E sei que o estudo é uma coisa boa. O problema é que sem motivação a gente enjoa*”. O sistema que faz permanecer absurdos na educação de nossos jovens, a exemplo não apenas dos já citados anteriormente, como também na própria história, não devem esperar grande ânimo por parte da clientela estudantil. Assim, iremos criar uma nova geração de revoltados.

Voltando a questão central, qual deve então ser o perfil do professor de português?

Inicialmente este deve se conscientizar de que ser professor de Língua Portuguesa não é ser professor de Gramática somente. Certamente deve ser, dentre os colegas da profissão, dos mais polivalentes. Capaz de estar bem informado sobre tudo que se passa ao seu redor.

Tendo mencionado no STATUS SOCIAL a “queda de braço” que existe entre os lingüistas e os gramáticos tradicionalistas, além de destacarmos o preconceito lingüístico através dos parágrafos que se sucederam até então, oportunamente vejamos abordagens de ataque e defesa entre estudiosos ilustres com linhas de pensamento divergentes.

Bagno, em sua obra *Preconceito Lingüístico*, defende-se das pesadas críticas do gramático Napoleão Mendes de Almeida<sup>9</sup>. O mesmo em sua obra *Dicionário de questões vernáculas*, quanto ao verbete VERNÁCULO do citado *Dicionário* não mede palavras em sua crítica severa.

Vejamos Almeida *apud* BAGNO (1999, p.79):

Os delinqüentes da língua portuguesa fazem do princípio histórico “quem faz a língua é o povo” verdadeiro moto para justificar o desprezo de seu estudo, de sua gramática, de seu vocabulário, esquecidos de que a falta de escola é que ocasiona a transformação, a deteriorização, o apodrecimento de uma língua. Cozinheiras, babás, engraxates, trombadinhas, vagabundos, criminosos é que devem figurar, segundo esses derrotistas, como

verdadeiros mestres de nossa sintaxe e legítimos defensores do nosso vocabulário.

O lingüista Bagno, por sua vez, tece comentários do quanto o parágrafo é socialmente preconceituoso. Defendendo sua classe dos comentários de um homem que despreza o Modernismo<sup>10</sup> e, sequer escreve o nome de Drummond<sup>11</sup> a quem não intitula de poeta e escritor por em sua obra “No meio do caminho” usar o verbo *ter* e não *haver*.

---

<sup>8</sup> Cantor e autor de diversas letras de músicas que retratam temas polêmicos e atuais. Entre eles, *Estudo errado* que faz uma abordagem crítica ao sistema de ensino falho que enaltece a “decoreba”.

<sup>9</sup> Gramático e professor, falecido no começo de 1998, aos 87 anos. Foi (e ainda é) considerado por muitos o “defensor Intransigente da língua”.

<sup>10</sup> Movimentos literários e artísticos que surgiram a partir do fim do século XIX. No Brasil, o estilo ganhou força, já no século XX, principalmente com a Semana de Arte Moderna de 1922, uma verdadeira atualização da cultura brasileira.

<sup>11</sup> Carlos Drummond de Andrade (1902 – 1987), poeta da segunda fase do Modernismo. Consagrou-se como poeta, mas também foi contista, tradutor e cronista.

Resta-nos, de fato, unirmo-nos ao lingüista em menção, pois é impossível lermos tantas acusações carregadas de preconceito e conhecimento egocêntrico sem que fiquemos indignados mediante língua tão felina. Mesmo porque Bagno segue repreendendo com argumentos e razões claras o caráter preconceituoso do autor em questão.

Geralmente os lingüistas, diferentemente de muitos gramáticos, têm sua consciência de que não está na lingüística somente a “solução mágica” para o problema do estudo da Língua Portuguesa em nosso país. Sabem que não dá para salvar nosso ensino deficiente apenas com uma troca de teorias.

Por outro lado, não é incomum encontrarmos gramáticos que se posicionam como verdadeiros “iluminados” donos de um saber único patenteados: a norma culta.

## ENSINO CRÍTICO DA NORMA-PADRÃO

O leitor deste artigo deve estar observando no momento o quanto é, literalmente, grandiosa a responsabilidade do ensino de Língua Portuguesa. E de fato é verdade. Tal professor precisa ler muito e não se prender a gramática, pois a língua está presente em tudo, dentro e fora da escola. Não esquecendo de lembrar, pois, que a língua vive, reforma-se e se desenvolve como dissemos agora a pouco. Portanto, se a língua é viva “a gramática e o dicionário é que devem arrojarem-se atrás dela”. A questão em análise trata, pois de inversão dos valores ou mesmo da valorização gramatical excessiva que há séculos passa de geração após outra, sem que se faça cumprir o já discutido “preparar para a vida”, formando o aluno cidadão capaz de abordar com perspicácia, os problemas da atualidade.

Antes de mais nada, que fique claro não existir aqui uma guerra declarada à gramática normativa \_ ela reproduz a estrutura do plano lingüístico, logo, é de essencial importância. Porém é a inútil e cruel insistência de se ensinar coisas que os estudantes já sabem, para que, simplesmente, aprendam nomes que a gramática tradicional dá as coisas em geral, à luz dos antigos modelos clássicos da literatura. Este é o importante enfoque, Devemos então, ensinar a norma-padrão? Inquestionavelmente, sim. No entanto, sem esquecermos que norma-padrão não constitui língua materna e ensiná-la, portanto, independe desta “decoreba” de nomenclatura técnica e memorização de conceitos incompletos e desmentíveis.

Faz-se necessário, portanto, um ensino crítico da norma-padrão. Para tanto, a escola deve abrir espaço às manifestações lingüísticas, riqueza incontestável em nosso país. Acreditemos em “uma pedagogia voltada para o **todo** da língua e não para algumas de suas formas”.

Caso levarmos em consideração a questão social fica ainda mais evidente a necessidade de se aprender a norma-padrão de nossa língua (embora reavaliada, como defendida acima), para que não se perpetue o vácuo separatista entre a classe dominante e a dominada. Pensemos idêntico a Bagno (2001, p. 60) quando afirma:

Sou a favor do ensino da norma-padrão para que os alunos oriundos das camadas sociais desfavorecidas (ou seja, a imensa maioria da população brasileira) possam ter como lutar com as mesmas armas dos alunos provindos das camadas privilegiadas.

Se bem observarmos, todas as questões nos remetem a principal barreira inibidora de mudanças: a temática social. Ao poder dos que se sentem mais seguros em se fazer conservar o modelo estatístico da pirâmide social preservando-se no topo e, de lá, aplicando seus comandos injustos de quem vê a diferença com indiferença, num egocentrismo doentio.

Voltando as críticas, lançadas nos anos mais recentes, acerca do ensino tradicional da gramática normativa em nosso país, vemos novas propostas de ensino, voltadas para uma valorização das variedades lingüísticas e para uma maior e melhor apropriação da escrita, de forma que o estudante possa, sem frustração, criar e recriar seus textos. Para tanto, deve ter contato direto com todos os tipos de texto visando abrir o leque da diversidade lingüística e, assim, manter contato com diferentes visões de mundo tornando-se um leitor crítico da realidade. Aqueles que sabem debater e argumentar, fundamentados nas teorias aprendidas por meio de suas enriquecedoras leituras mais dificilmente são manobrados pela minoria egocêntrica detentora do poder.

O alunado precisa, portanto, apropriar-se da leitura, pois “quem não lê, mal fala, mal ouve, mal lê”. Do contrário, possuirá melhor capacidade de interpretar e intervir no mundo que o cerca.

E a gramática tradicional? Onde fica em meio às críticas, principalmente dos lingüistas modernos que defendem a bandeira do respeito às inúmeras variações?

Respondamos com Geraldi *apud* REVISTA NOVA ESCOLA (1994, p. 20), em entrevista, sobre sua proposta de ensino:

Nossa proposta é fundamentalmente o ensino da língua, e não da metalinguagem, que, no caso, é a gramática normativa. Ou seja, não é a metalinguagem que te faz compreender a linguagem, mas a compreensão da linguagem é que te exige uma metalinguagem (...) Quando o aluno vai aprendendo e se inteirando da variedade padrão, ele mobiliza uma gramática, usa uma gramática, o que é totalmente diferente de fazer uma análise gramatical.

Esta questão é vista nos PCN's do Ensino Médio, no que se refere aos conhecimentos de Língua Portuguesa. Há uma confissão quanto ao estudo gramatical que sempre fez (e ainda faz) uma confusão entre norma e gramaticalidade. Novos

pensamentos são expostos a fim de firmar a gramática como estratégia que nos leve a compreensão, interpretação e produção de textos. E as aulas permitirão, a partir de então, que os alunos, verdadeiramente, possam se expressar.

É dentro deste panorama atual, dentre as competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa que o professor da referida disciplina convive em meio às angústias de quem está inteirado das novas perspectivas do ensino da língua, mas temeroso por não saber “se” e “como” fazê-lo ao certo. Tendo em vista o medo de privar seus alunos das tão questionadas regras e nomenclaturas que, mais tarde, certamente serão cobradas pelos vestibulares da vida, bem como provas de concursos públicos, exemplos gritantes de provas objetivas em que não se permitem mostrar, verdadeiramente, as habilidades e competências de que se dispõe.

Outra questão relevante, da qual não se pode esquecer de observar, refere-se à Literatura que, apesar de não estar desvinculada da disciplina de Língua Portuguesa, o que já ocorreu em outrora, em termos gerais, ainda permanece como conteúdo à parte.

A Literatura torna possível vermos o mundo sob outra ótica. E a sua matéria-prima é a palavra. Diferentemente de textos como manuais, receitas, notícias de jornais, etc., os literários carregam em si uma estética intencional. Busca-se o belo. As palavras são dispostas de maneira tal, que produz determinado efeito. Tem a intenção de provocar reflexões, estranhamento. Além de sensibilizar o leitor. E é justamente esta sensibilidade que se faz necessário despertar nos alunos atuais que enxergam a Literatura como algo enfadonho, sem grande utilidade.

Precisa-se urgentemente fazê-los perceber que as inúmeras representações provenientes das diversas práticas sociais são frutos do imaginário coletivo que são construídas e reconstruídas no íntimo das diferentes culturas. Portanto, não está distante de nós. Personagens como Macunaíma<sup>12</sup>, o “herói sem nenhum caráter”, o nordestino retirante (Vidas Secas)<sup>13</sup>, dentre tantos outros, são representações fortes, revestidas de altíssima carga de expressividade, num trabalho estético da palavra que merecem ser apreciadas. E esta apreciação necessita estar interligada ao estudo da língua como parte integrante para se estimular nos educandos à capacidade criadora, bem como o gosto pelas obras de caráter literário.

Voltamos à gramática, uma das vítimas destas questões abordadas, é o alvo da necessária reorganização de valores no ensino de Língua Portuguesa. Porque não se deve dar ênfase apenas a “gramática” atual, mas equilibrá-la entre a Literatura e Interpretação Textual.

Para rematar todas as idéias aqui contidas, ressaltemos, através de Possenti (2004, p. 56), a clareza da idéia:

Trata-se apenas de reorganizar a discussão, de alterar prioridades (discutir os preconceitos é certamente mais importante do que fazer análise sintática \_ eu disse mais importante, o que significa que a análise sintática é importante, mas é menos...).

---

<sup>12</sup> Personagem da obra de Mário Raul de Moraes Andrade (1893 – 1945), poeta Modernista. A obra possui o mesmo nome e é construída a partir de um conjunto de lendas a que se misturam superstições, provérbios, anedotas e elementos fantásticos. Resumidamente, retrata um menino negro, que nasce numa tribo de índios, cresce, malandro, vira branco e acaba desembarcando em São Paulo.

<sup>13</sup> Obra de Graciliano Ramos (1892 – 1953), considerado o mais importante prosador da segunda fase do Modernismo. *Vidas Secas* é uma obra composta por treze capítulos onde são relatadas as aventuras e desventuras do retirante Fabiano e sua família que tentam escapar da seca e da miséria.

Por assim debatermos coloquemo-nos cientes da responsabilidade, inclusive, dos que não ensinam Língua Portuguesa, mas que exercem igualitário papel de responsabilidade, enquanto nativos dessa língua rica e viva. Pensá-la estática, (o que não corresponde à realidade) é negar a sua riqueza de possibilidades, sua grandiosidade lingüística, suas “confusões de prosódia”, sua “profusão de paródia”, sua capacidade excepcional de ser como “camaleões”.

## **DA LUZ DA TEORIA À LUZ DA PRÁTICA**

Analisar o ensino da gramática na disciplina de Língua Portuguesa implica em pensar o tema na perspectiva de situação-problema. Portanto, verificamos os obstáculos para que possamos traçar meios em favor de sua superação.

Iniciemos com a observância das questões seguintes:

- a) Como o professor de língua portuguesa deve compreender a sua metodologia?
- b) Qual o grau de importância entre Gramática, Literatura e Interpretação e Produção de Textos?

c) De que modo o professor poderá, quanto ao ensino da gramática, melhorar sua prática pedagógica?

Diante destas indicações foi possível realizar um trabalho de caráter investigativo em escolas da rede estadual, nas três séries do Ensino Médio, localizadas nos municípios circunvizinhos de Barcelona, Ruy Barbosa e São Paulo do Potengi-RN. Todas elas possuem, relativamente, os mesmos recursos didáticos. Há, portanto, pouquíssimo contato com materiais formatado em novas tecnologias restando o velho e bom quadro e giz.

Os professores de Língua Portuguesa das referidas escolas estão todos envolvidos em algum processo de formação continuada. Estão em contato, diariamente, com textos, sejam eles científicos, literários, religioso, crônicas, etc.

Costumam, em sala de aula, utilizar gêneros textuais diversificados a exemplo das narrativas poéticas dos jornalísticos e paradidáticos.

Suas produções textuais costumam, em alguns casos, partir das discussões acerca de um tema abordado anteriormente, em outros, a partir de textos sobre temas que interessem aos alunos.

As correções gramaticais das referidas produções textuais, por alguns professores são realizadas de modo que se observem os desvios e incorreções para, em seguida reescrevê-los e, assim, sanar as dúvidas. Por outros, há uma anotação da frequência dos erros ortográficos, pontuação e acentuação, bem como coerência e coesão para trabalhar com textos paralelos sobre o assunto em momentos futuros.

Quanto às atividades de reescrita, um dos professores a adota quando recebe produções de textos com um grau elevado de erros ortográficos e problemas de coerência textual. Os demais realizam uma correção coletiva elegendo um texto escrito pelos alunos, escreve-o no quadro da forma original e pede que os alunos o reescrevam considerando a gramática, ortografia, coesão e coerência.

As atividades relacionadas no ensino de gramática se dá, em alguns casos, de maneira contextualizada e parte sempre dos textos. Em outros, há uma divisão de assuntos para seminários e ocorre também através de leituras e discussões sobre as regras gramaticais.

No tocante a metodologia de ensino nas aulas de Língua Portuguesa classificam-na como sendo voltada para a proposta do PCNEM que valoriza as competências e habilidades dos educandos.

A realização deste trabalho se deu por meio de entrevistas com os referidos professores, além de observações em sala de aula para que se confrontasse a teoria e a prática pedagógica referente ao ensino de nossa língua materna, mais precisamente da gramática tradicional. Tendo em mãos as informações teóricas relativas a prática docente pôde-se analisá-la mediante a observância de sua metodologia passando a defrontá-la sob a perspectiva dos gramáticos e lingüistas.

Uma vez colhidos os dados, tem-se a finalidade de verificar se a prática pedagógica dos docentes está embasada segundo as novas perspectivas lingüísticas que faz compreender a língua materna como fonte geradora de significação e representação simbólica das experiências humanas, ou, do contrário, permanece na aplicação de um estudo tradicional da gramática, onde prevalece o estudo de nomenclaturas e normas, na maioria dos casos, aprendidas de forma descontextualizada.

O fato é que os professores de Ensino Médio estão diante de uma clientela que não possui maturidade e criticidade para a questão abordada neste trabalho, costumeiros a um ensino tradicional da gramática, onde se decora nomenclaturas e classificações. Tanto que exercícios voltados para um estudo em que não se apresentem classificações, mas que os instigue a pensar e chegar a conclusões desejadas são um tanto quanto difíceis para eles. Há uma enorme estranheza por parte dos estudantes em relação a um novo modo de se estudar, por exemplo, as classes de palavras.

No que se refere a textos/contextos é, pois, alarmante a dificuldade de interpretação e produção. Fruto de um ensino que enaltece a gramática e, de certa forma, pouco valoriza a competência do aluno em interpretação e produção textual bem como o ajude a desenvolver suas habilidades em relação ao uso da língua segundo a norma padrão.

Para enfatizar esta idéia reforçamos com os PCN's (2002, p. 143) quando afirma:

Compreender a língua é saber avaliar e interpretar o ato interlocutivo, julgar, tomar uma posição consciente e responsável pelo que se fala/escreve (...) Onde se aprende isso? A experiência escolar é necessária e, mais, deve ser uma necessidade sentida.

A escola precisa abrir maior espaço para esta necessidade gritante do aluno que deve perceber, através de atividades prazerosas e bem elaboradas, o quanto é importante ter opinião, ser argumentativo, persuasivo, capaz de elaborar com coesão e coerência as suas idéias diversas.

Os professores de Língua Portuguesa estão atualmente, relativo, as suas teorias e práticas, como um cavaleiro com pouca armadura, pois esta temática aqui abordada ainda não está claramente analisada no corpo docente. Munidos de uma espada (o livro didático) não condizente com a realidade dos alunos. Além de, em muitos casos, descontextualizarem a Gramática da Literatura e da Redação.

Como deverá proceder um professor em meio a esta situação contrastante?

É bem verdade que muitos deles são conhecedores desta nova visão do ensino e tentam, a sua maneira, conciliar a gramática a um aprender contextualizado que valorize o pensar teórico e prático do aluno. Embora, quer queira ou não, entrem de relance na gramática das nomenclaturas e normas desnecessárias por força das necessidades a serem exigidas desses mesmos estudantes em momentos futuros.

Outros afirmam ensinar segundo as novas perspectivas do ensino de Língua Portuguesa, mas se perdem na prática, costumeiros a uma “fórmula” mais fácil de ensinar gramática. Embora tenham convicção de não ser esta a maneira mais atualizada de lecionar. Justificam-se como sendo a forma de alcançar, inclusive, um maior número de conteúdos necessários ao currículo escolar durante o ano letivo.

Percebe-se em alguns professores, não uma resistência às mudanças, mas um cansaço de quem está a nadar contra a maré. E maré alta!!! Os alunos sequer atentam para esta realidade que acaba por privar a eles o direito de raciocinar, opinar, criticar, lutar...

Nesse sentido, a escola precisa de mudança de conteúdo, como afirma Geraldi (2003, p. 45) quando diz:

(...) a alteração da situação atual do ensino de língua portuguesa não passa apenas por uma mudança nas técnicas e nos métodos empregados na sala de aula. Uma diferente concepção de linguagem constrói não só uma nova metodologia, mas principalmente um “novo conteúdo” de ensino.

As reflexões contidas neste trabalho, como já foram apresentadas em momentos anteriores, jamais afirmará que não há lugar para a gramática, o que se observa é que para esta ter sentido não pode continuar sendo aplicada de forma insossa e descontextualizada em atividade inócua.

Quanto a isto, Kuenzer (2002, p. 104) nos opina claramente a idéia:

Se, por isso, os conteúdos gramaticais não podem desaparecer, também não podem simplesmente permanecer arrolados e repassados como no ensino tradicional. Só existe sentido em estudar gramática, se esses conteúdos estão claramente subordinados ao domínio das atividades de fala e escrita, isto é; se eles têm efetiva relevância funcional.

Trata-se, portanto de uma reorganização das prioridades. Mais ainda, necessita-se que, de fato, dê-se a esta temática a importância, merecedora. Não dá para ficar somente numa discussão entre gramáticos e linguistas, sem que haja devidas e urgentes providências.

## CONCLUSÃO

De tudo o que foi exposto, podemos concluir em suma, o seguinte:

- a) O educador está mediando entre uma situação paradoxal que, embora conhecedor de novas perspectivas educacionais para o ensino de Língua Portuguesa no Brasil, convive com a realidade de um modelo de gramática arcaico que, por sua vez, é o exigido nas situações formais. Caberá ao professor identificar, julgar e, se necessário, mudar sua concepção de ensino da língua para que esta tenha, de fato, algum sentido real na vida de seus educandos.
- b) Há uma separação preconceituosa entre Gramática, Literatura e Texto. Descontextualizados, enfatiza-se bem mais a gramática. O texto pode ser um importantíssimo material articulador. Literário ou não, carrega em si inúmeras possibilidades para o fazer metodológico. Integrá-los é uma forma de reconhecê-los iguais em importância para o desenvolvimento dos saberes.
- c) O ensino dos conteúdos gramaticais está arraigado a uma tradição escolar. Para melhorar sua prática pedagógica em relação à gramática, o professor deverá entendê-la como parte integrante, e não separada dos textos. Estes, os textos,

devem ser sua grande munição. As ações metodológicas devem envolver a leitura, análise e produção textual. Os respectivos docentes deverão buscar meios de formação ou criar grupos de debate que os auxiliem na sua área de ensino, bem como conscientizar os das outras áreas, dividindo o peso da responsabilidade que, verdadeiramente, não pertence somente a si. Apesar de nossas fontes serem ainda precárias, os professores devem recorrer a instrumentos normativos melhor elaborados, diversificando as fontes de consulta para um trabalho que possibilite um resultado significativo.

### ABSTRACT

The present article, resulting from bibliographical research, interviews, observation of pedagogic practices, has as objective the analysis of the results on the grammar teaching in the three series of the Medium Teaching. He/she makes a reflection concerning the teachers concerning his/her conception and methodology in the instruction of our Portuguese Language, verifying if understood, or no, as generating source of significance and symbolic representation of the human experiences. For like this supponharmos that should be, opens up starting from then a fan of reflections. He/she brings, in elapsing of the technical analyses, the observance of the materialization of the use of the language as indicative object of social status. To language-pattern it has not been a factor of social integration, but exclusion and strong discrimination. The grammatical content passed to be observed if exposed to the students in a fragmented way or contextualizada. As well as if the teachers divide the degree of importance among Grammar, Literature and Text. Fact that deserves prominence among the problems discussed by the specialists for they be equalitarian, concerning his/her importance. He/she consists, in the lines that happen this summary, a diversified panorama of information that you/they translate, besides a report of the Portuguese Language in the Brazilian school curricula, the possible causes, the consequences, facts and renowned authors' theories in relation to the approached theme. Another relevant subject refers the "difficult Portuguese's" desmitificação, presupposition of the ruled classes and filled of nomenclatures that coíbem the alunado, in way to distance him/it always, and a lot, of the critical teaching of the norm pattern that, in fact, it is him/her of right.

**Word-key:** I study of the grammar, teaching methodology, valorization of the linguistics.

### REFERÊNCIAS

ABAURRER, Maria Luiza. **Coleção Base: português:** volume único. São Paulo: Moderna, 2000.

ALMEIDA, Napoleão M.: **Dicionário de questões vernáculas.** 2ª ed. São Paulo, LCTE, 1994.

BAGNO, Marcos. **Preconceito lingüístico: o que é, como se faz.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa na escola - o que é, como se faz**, 13ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **A língua de Eulália: novela sociolinguística**. 11ª ed. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **Português ou Brasileiro? – um convite à pesquisa**. 2.ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2001.

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?** 2 ed. São Paulo: Ática, 1986.

CASTILHO, Ataliba T. **A linguagem falada e o ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CEGALLA, Domingos Pascoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 33ª ed. São Paulo: Nacional, 1990.

CUNHA, Celso. **Língua portuguesa e realidade brasileira**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1968.

FARACO, Carlos Alberto. **Escrita e alfabetização**. São Paulo: Contexto: 1981.

FARACO, Carlos Alberto. **Português: língua e cultura, ensino médio, volume único**/Carlos Alberto Faraco. Curitiba: Base, 2003.

FIGUEIREDO, Cândido: **O que se não deve dizer**, vol. I. 5ª ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1929 (1903).

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. São Paulo, Ática, 1997.

GNERRE, Maurizio: **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo, Martins Fontes, 1985.

GONÇALVES PEREIRA, Maria Tereza. **Professor de língua portuguesa: Modos de ensinar e de apre(ender)**. In: AZEVEDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HAUDY, Almini Boainaim. **Da necessidade de uma gramática-padrão da língua portuguesa**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

KOCH, Ingedore V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1997.

KUENZER, Acácia Zeneida (org). **Ensino Médio: construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3 ed. – São Paulo: Cortez, 2002.

LUFT, Celso Pedro. **Língua e Liberdade: Por uma nova concepção da língua materna e seu ensino**. Porto Alegre: L&PM, 1985.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2001.

**BRASIL**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS Ensino Médio**/ Brasília:DF. SEMTEC, 2002.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português**. 2ªed., São Paulo: Ática, 1996.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. Campinas: ALB/Mercado de Letras, 1996.

**Carlos Mendes Rosa**. A sala de aula é uma oficina de dizer coisas. rev NOVA ESCOLA. Ano IX \_ nº 78, setembro de 1994. Carlos Mendes Rosa , pp.20.

SACCONI, Luiz Antônio: **Não erre mais!** 23ª ed., São Paulo: Atual, 1998.

SILVA, Rosa Virginia Mattos. **Tradição gramatical e gramática tradicional**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. 10 ed. São Paulo: Ática, 1993.

TAKAZAKI, Heloísa Harue. **Língua portuguesa: ensino médio**, volume único. São Paulo: IBEP, 2004.

TERRA, Ernani: **Linguagem, língua e fala**. São Paulo:Scipione, 1997.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1997.